

FECHO

(Férias e autoluto autoficcionais)



Cesar R. Pontual

*I'm calling for an angel
To bring me a dark night, to bind me
In my daydreams, darkness finds me
It takes me somewhere I need to be
If you can't see me
At least you can feel me*

*If I don't get to see you
At least I can feel you*

– Hot Chip, “Dark night”

A sutura entre os dias e noites

Elton Panamby

Cesar R. Pontual faz de sua escrita um ato profundamente encarnado, gerada por fragmentos suturados na pele dos dias dormentes e noites crônicas. No jogo de palavras, nos aforismos afoitos, na corrida da prosa que volteia pela língua, na poesia descendo e subindo escadas caracol, nos convoca a um movimento labiríntico com luzes coloridas que passam como faróis de carros difusos na noite embriagada de paulistez engaroadada. Hora nos bota na beira de um penhasco, hora nos faz mergulhar na fundura celular, microcósmica de uma poça de saliva, hora nos leva para o éter deambulante. Também nos convida para olhar lá dentro dos buracos, esses que habitamos e que nos habitam, revelando-se ainda como um ensaio curativo para feridas que necessitam de cuidados diários. É também um diário de memórias inauditas ditas em voz alta.

A autoficção de Pontual – já anunciada em ABRA onde estão desfolhadas personagens geradas pelos encontros em sua vida, quase um livro de homenagens para aqueles que se veem/são vistas ali escritos, descrites e escarrades – em FECHO traz um processo profundo de autoescavação, transbordamento, é um texto úmido escrito com muitos líquidos, ao mesmo tempo com a poeira das esperas, de um sujeito inventariando uma existência caleidoscópica. FECHO é um livro que

sai rolando pela boca falando em línguas com uma musicalidade própria, em muitas vozes, que desfia as palavras como alguém que toca violinos com a navalha longa e afiada dos sonhos insones.

Leio a obra de Pontual como uma vida latejante de uma bixa viajante de espaços eclipsados, imprimindo um instantâneo de palavras a momentos de desassossego. Repleto de referências musicais de Gal Costa à Björk à Britney Spears, do universo das HQ's, do universo POP, da literatura, dá pistas e lança sua acidez sobre momentos do cotidiano, localiza-se no mundo e ao mesmo tempo o implode. Um texto num fôlego só, uma tragada loooooooooooooooooooooooooooooooooongua soprando para longe os ciscos dos olhos e trazendo uma secura que só essa fumaça pode. Uma narrativa carrossel, mas estamos chapades e insones girando nesses personagens pitorescos: a morte, a vida, o gozo, a linguagem, o trabalho compulsório, as crônicas que provocam engasgos, cartas de amor e de despedida. É de arrancar risadas altas e choros soluçados. No mínimo um nó na garganta, algo retorcido de encontrar-se nas palavras ofegantes.

Uma meditação de revés: ao invés de apenas deixar que os pensamentos passem, agarrar as palavras com pequenas redes como se fossem borboletas, e delicadamente, mesmo aquela mais ferinas e doídas, deposita-las com canetas esferográficas coloridas em folhas de papel. “Eu sempre preciso da palavra para ter ar.” (p.30). Pois essa escrita, esse FECHO é o puro hálito de um escritor que

respira e se alimenta de palavras.

Existe ainda uma dimensão geográfica. É possível trafegar entre os carros, pegar e saltar dos metrô, topar-se nos bueiros da memória, girar pelas pistas de dança. É possível ver a cidade de São Paulo e aspirar seu ar irrespirável num caos profundamente urbano, uma cidade explodida e colapsada, não por um retrato óbvio, mas através de uma mirada cirúrgica. Há também uma atmosfera de secura, um corpo que dispara palavras como revídes diante da violência do mundo, da aridez do cotidiano. Daí são punções, são cortes de bisturi. Parafrazeado Jota Mombaça, na escrita de Pontual estamos “juntas na quebra”, o tempo fica suspenso e dilata-se para que possamos ler em nossas corpos o momento em que a entropia se instaura.

“Escrever é matar para nascer.” (p.29). E escrevendo sobre a morte envolta em camadas e camadas de fumaça, a bicha mata a morte e o livro nasce. Nasce fechando. Fecho.

HÓSPETE

DE DA

INSÔ

NIA

Para HH, Luiz G., Carol M., Guilherme H.,
Danielly, Alice L. (a garota do cabelo azul),
Gil, Dona Jordina e a cidade de Curitiba.

[...]

O

Começo a sonhar acordado com o oco que ecoa cativante. Rápido movimento do olho. Dormente mente mentiu e não dormiu. O oco continua ecoando. Cigarros salgados sem sonhos correm e concorrem.

[...]

2010

Lágrimas de aniversário
vestem os versos
que ela verte
assoprando vinte e oito velinhas
estou tão velhinha
faço um desejo
despejo pelos olhos
ela lembra.

[...]

A carreira que consigo carrega um gozo
branco.

[...]

Amizade

Meu amigo quebrou os dois braços. Vejo-
-os engessados enquanto ele fala: O pior é não
poder bater punheta. Pergunto: Você quer que
eu te bata uma? Quero. Eu bato e ele chora de
tanto gozar.

[...]

A rotina que nos faz bem.
A retina atina com o que conto ou não conto.
Pontos de interrogação
são os ossos sem carne e me alarme.

[...]

Atenção dividida. Multiplicação dos pães e dos pais. Subtração do substrato. Somos somas.

[...]

Atropelo palavras pelo som alucinante que sai de seus lábios laboratórios elaborados embotados embriagados engraçados. Atropelo pelo refrão refrigerante instante. Atropelo.

[...]

Brasília

A cegueira é um ensaio em braile e em borboleta. Ninguém. Branco e preto na leitura.

[...]

Burocrata da escrita, ouça o som do seu

coração assado no churrasquinho mesquinho
do pessoal do escritório. Ouça, pouse em uma
pose e em uma posse. Ouça, passeie sentidos.
Ouça.

[...]

Caibo bem em mim. Mala pronta. Fala
bronca. Não caibo bem em mim. Um cigarro,
uma ignorância. Caibo e não caibo bem e mal
em mim.

[...]

Canto pelos cantos pelo cu pelos campos e
pelos encantos. Louco até ficar rouco. Rimo o
limo. Desencanto.

[...]

Chá

No fim o chá esfria. Fumo falante. Cache-col e caracol. Maconha. A escolha caliente. Palavras, palavrões. O chá será requentado aqui do meu lado.

[...]

Cidade de dia não tem idade determinada, não tem narrador ou voz poemática capaz de pacificar o caos de acordar sem ter dormido diante do sol e só.

[...]

Companhia

O copo é o seu companheiro de certeza e de cerveja.

[...]